



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-CFH  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA  
ATLÂNTICA

**FORMAÇÃO DA ALDEIA PLIPATÓL**

**RESISTÊNCIA XOKLENG**

Youo Maurina Ingaclã

Florianópolis, fevereiro de 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-CFH  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA  
ATLÂNTICA

## **FORMAÇÃO DA ALDEIA PLIPATÓL**

### **RESISTÊNCIA XOKLENG**

Youo Maurina Ingaclã

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina sob a orientação da prof. Natalia Hanazaki

Florianópolis, fevereiro de 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-4879

Atesto que a acadêmica Youo Maurina Ingaclã, matrícula n.º 16105954, entregou a versão final de seu TCC cujo título é FORMAÇÃO DA ALDEIA PLIPATÓL - RESISTÊNCIA XOKLENG, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Assinatura manuscrita em tinta preta sobre uma linha horizontal.

Orientadora Profa. Dra. Natalia Hanazaki

### **Dedicatória**

Às pessoas especiais da minha vida que  
levo como grande exemplo, minha Mãe  
eterna Coctá Ingaclã (em memória) e meus  
avós, que são meus segundos pais, Cangó  
Ingaclã e Ndo-ug Ingaclã.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ingaclã, Youo Maurina  
FORMAÇÃO DA ALDEIA PLIPATÓL : RESISTÊNCIA XOKLENG /  
Youo Maurina Ingaclã ; orientador, Natalia Hanazaki, 2020.  
54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural  
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica. 2. Leklãnõ. 3. Xokleng. 4. Luta. 5. Território.  
I. Hanazaki, Natalia . II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da  
Mata Atlântica. III. Título.



### ATA DE DEFESA DE TCC

314

Aos onze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 15h30 horas, na Sala SALA ~~110~~ ~~ANT~~ do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo(a) professor(a) Orientador(a) Natalia Hanazaki e Presidente, Professor(a) Kercia P. Figueiredo Peixoto, Membro da Banca, e Professor(a) Maria Dorothea Post Darella, Membro da Banca, designados pela Portaria nº ..29.. 2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do(a) acadêmico(a) Youo Maurina Ingaclã subordinado ao título: “Formação da Aldeia Plipatol - Resistência Xokleng”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o(a) mesmo(a) foi arguido(a) pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o(a) candidato(a) recebido do(a) Professor(a) Kercia P. Figueiredo Peixoto a nota final 9,5, do(a) Professor(a) Maria Dorothea Post Darella, a nota final 9,0, e do(a) Professor(a) Natalia Hanazaki, a nota final 9,0; sendo aprovado(a) com a nota final 9,0. O(A) acadêmico(a) deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo(a) Candidato(a).

Florianópolis, onze de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Natalia Hanazaki  
Prof. Kercia Priscilla Figueiredo Peixoto  
Prof. Maria Dorothea Post Darella  
Candidato Youo Maurina Ingaclã

## Sumário

RESUMO .....	7
Agradecimentos.....	8
APRESENTAÇÃO .....	10
Introdução .....	12
Objetivo geral:.....	15
Objetivos específicos: .....	15
METODOLOGIA .....	16
CAPITULO 1 - HISTÓRICO CULTURA DO POVO XOKLENG/ LAKLÃNÕ ANTES DO CONTATO E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA .....	18
1.1 HISTÓRICO DO CONTATO XOKLENG/LAKLÃNÕ A PARTIR DO PONTO DE VISTA DA LITERATURA .....	20
CAPITULO 2 - HISTÓRIA DO CONTATO DO POVO XOKLENG/LAKLÃNÕ A PARTIR DE RELATO DE ANCIÃOS.....	23
2.1 HISTÓRIA DO CONTATO XOKLENG COM OS NÃO INDIGENAS.....	23
2.2 PRIMEIRO CHEFE DOS XOKLENG LOGO APÓS O CONTATO.....	27
CAPÍTULO 3. A ALDEIA PLIPATÓL LOCALIZAÇÃO, POLÍTICA E HISTÓRIA .....	30
3.1 ESTRUTURA POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO DA ALDEIA.....	32
3.2 DENOMINAÇÃO DA ALDEIA .....	35
3.3 RELATO DAS FAMILIAS A CAMINHO DA FORMAÇÃO DA ALDEIA .....	36
CAPÍTULO 4. VIDA DOS XOKLENG NO PRESENTE APÓS A RETOMADA DA ALDEIA .....	45
4.1. Formas e estratégias de resistência Xokleng frente a cultura não indígena .....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	48
REFERÊNCIAS .....	49
Anexo 1 .....	51

## **RESUMO**

Esta pesquisa pretende registrar a formação da aldeia Plipatól, a partir do ano de 2012, e a trajetória vivenciada desde a década dos anos 1980 até dias atuais. Plipatól significa samambaia na língua portuguesa, uma planta resistente, característica que reflete a comunidade da aldeia. Iremos entender seu processo histórico de luta e resistência, até formar a aldeia na Terra Indígena Laklãnõ localizada no município de José Boiteux-Santa Catarina. A pesquisa visa compreender e relatar a resistência Xokleng, através relatos de anciãos que vivenciaram estes momentos considerados históricos. A partir de relatos pessoais e de entrevistas com pessoas que acompanharam esse processo, iremos analisar como os Xokleng passaram a morar neste local, ou seja, como se deu esse processo de retomada para a formação da aldeia, pois neste território viviam comunidades não indígenas. Também é apresentada a visão de um não indígena sobre esse histórico. A aldeia Plipatól foi estabelecida na localidade conhecida pela Barragem Norte, construída para contenção de cheias no rio Itajaí. Para melhor compreensão da história de retomada pela comunidade Xokleng é importante o registro destes momentos históricos vivenciado pelo povo Xokleng.

**Palavra-chave:** Luta, Terra, Resistência, Xokleng, Laklãnõ.



## **Agradecimentos**

Grata a Deus por conceder-me o privilégio de estar aqui. Também deixo minha gratidão profunda... à minha mãe eterna (em memória) pelos conselhos e acreditar que um dia chegaria onde cheguei hoje, estendo também às pessoas que me cuidaram como filha assumiram o papel de pais, como é de nossa tradição: a meus avós (em memória) minha imensa gratidão. Ao meu esposo Alfredo que de certa forma ajudou-me nesta trajetória acadêmica.

Destaco também algumas pessoas que foram muito importantes durante minha vida aqui para o curso, dona Ilza e meu Sogro Edu Priprá, minha Cunhada Vanderleia, meu irmão Ulisses e minha irmã Elisemar, cunhado Jonatan Fernandes, que tomaram conta das minhas filhas enquanto estive nas etapas na UFSC, outros conhecidos que também ajudaram no mesmo sentido, meu agradecimento que Deus os recompense.

Minha orientadora Natalia Hanazaki que não mediu esforços de se disponibilizar em nos orientar, e outros professores que de certa forma me ajudaram.

Estendo a uma pessoa especial para mim, da parte da coordenação do curso, Professora Maria Dorothea, que sempre me e motivou a continuar nesta caminhada com suas menções nos encontros coletivos durante esses quatro anos. Também a recepção calorosa proporcionada, a nós acadêmicos, quando chegamos em maio de 2016 na universidade em nome da Universidade Federal de Santa Catarina.

Meus agradecimentos a cada ancião mencionado neste trabalho, pois as informações da parte deles fornecidas a mim foram a chave essencial para escrever este trabalho.

À direção da Escola Laklãnõ e Secretaria Estadual da Educação por permitir a liberação para cursar a Licenciatura. Ao programa de Bolsa Permanência do MEC.

E por fim vai aqui também minha “Eterna gratidão” ao meu povo Xokleng da Mata, que lutaram bravamente no passado, para seguirmos e estarmos hoje aqui.

## APRESENTAÇÃO

Me chamo Youo Maurina Ingaclã, nasci em 18 de Junho de 1986, filha de mãe solteira Cocta Ingaclã conhecida como “Ndo” (em memória,) neta de Cangó Ingaclã (em memória) e Ndu-ug Ingaclã, falecida em junho de 2019. Sou bisneta de Womble Kuzug e Kula Kuzug (Womble foi um dos homens que protagonizou o contato com o não indígena). Também tenho como bisavó, por parte de meu avô, Tugdy Ingaclã, conhecida como Nandia (todos em memória).

Pertenço ao povo Xokleng/Laklãnõ, moro na Terra Indígena Laklãnõ, no Município de José Boiteux. Sou evangélica, nasci em Benedito Novo, no hospital de Alto Benedito, morei 24 anos na Aldeia Bugio. Atualmente sou moradora há nove anos na Aldeia “PLIPATÓL”.

Sou bilingue porém minha língua materna é Xokleng, a qual falo fluentemente, fui alfabetizada na escola Vanhecy Patté, pela professora não indígena Sandra Denise Uber Farias.

Sou casada com Alfredo Namblá Priprá, tenho duas filhas chamadas Gabriela e Nathiélem Kocta e um filho chamado de Eliabe Kangó, conhecido como Macalete. Sou filha de mãe solteira. Em nossa tradição é comum os avós criarem os netos como filhos legítimos e assumirem todo papel de pais, por isso eu cresci sobre os cuidados e afeto de meus avós maternos os quais chamei de pai e mãe.

Sou irmã mais velha de 4 irmãos, os quais assumi como mãe, na ausência dos meus familiares que não existem mais. Passei a protege-los como meus filhos.

Aos 22 anos casei com Alfredo, já tinha a Gabriela minha filha de outro relacionamento anterior; quando ficamos juntos o Alfredo já tinha curso superior e me

incentivou a concluir o ensino médio, eu já tinha desistido há anos para trabalhar, então voltei estudar no EJA de Ibirama, e concluí meu ensino médio. Meu sonho sempre foi ser professora, logo após recebi uma oportunidade de trabalhar na escola de Educação Básica Laklãnõ como professora na área da educação especial, em vista disso fui fazer faculdade. Cursei licenciatura em artes, posteriormente, estando na área da educação, resolvi então fazer o vestibular para cursar este atual curso.

Pude acompanhar enquanto Xokleng, a resistência da comunidade na luta pela ocupação deste território, onde é hoje atualmente aldeia Plipatól. Acho importante como integrante da Comunidade Xokleng/Laklãnõ, autora desta pesquisa e acadêmica deste curso, e pertencente a uma das primeiras famílias que fez moradia fixa neste espaço, descrever um pouco da minha realidade vivenciada enquanto família Xokleng.

Minha trajetória pessoal foi muito sofrida obviamente no passado, mas isso sempre vou levar com muito orgulho, como exemplo de vida. Quem me conhece sabe de onde vim para chegar até aqui, toda minha luta como universitária estará com base nos conselhos de minha mãezinha, minha mãe não foi alfabetizada, a realidade que vivo hoje na universidade é um sonho desta grande mulher, o mais importante de tudo isso foi acreditar em mim, e isso é meu lema.

## **Introdução**

Os europeus ao chegarem neste espaço denominado atualmente Brasil, e ao desembarcarem logo perceberam a presença intensa dos povos nativos que já habitavam neste país. Mas como estão seus territórios atualmente? Estão sendo ocupados pelos indígenas? Sabemos que a presença de Indígenas era inúmera até aquele momento, pois ocupavam todo território nacional, as matas nativas cobriam toda terra, a alimentação vinha diretamente da natureza, um território cuja riquezas estavam na própria natureza.

Como sabemos, a maior parte da população indígena encontrada naquela época não existe mais atualmente, pois foi exterminada ou os povos foram forçados à miscigenação; outros não resistiram à escravidão pelos europeus: “Fora de seu habitat natural, o índio não se adaptava como escravo: morria de infecções, fome e tristeza” (FREIRE, 1981). Sendo assim é menor o número de nativos atualmente, comparado ao que existia no início da história do Brasil após a chegada dos europeus, principalmente os territórios que eles ocupavam foram invadidos e apossados pela colonização.

As lutas dos indígenas ocorreram e ocorrem até hoje por suas terras, invadidas há mais de quinhentos anos, o que gera vários conflitos; tanto de cunho político quanto o confronto de indígenas e colonos, pois ambos acreditam serem donos da terra. É preciso compreender como o indígena vê a retomada de seu território roubado, porque nesse território encontram as memórias de seus ancestrais. Os agricultores colonos, por outro lado, também veem esses territórios como sendo seus, pois, segundo eles, pagaram ao governo para terem o território e nele também tem as marcas de seus antepassados. Vale destacar que nessa luta por quem é dono do território, muitas mortes aconteceram ao longo do tempo, e isso não foi diferente na realidade dos povos Xokleng apresentada nesse trabalho.

Existem mais de duzentos povos nativos no Brasil, porém apresentaremos alguns que estão aglomerados em estados como Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Santa Catarina, entre outros. Em Santa Catarina encontra-se três povos indígenas: Xokleng, Kaingang e Guarani. Nesse estudo iremos nos reportar exclusivamente ao povo Xokleng, atualmente denominados como Xokleng Laklãnõ, que são reconhecidos como única etnia. O povo pertence ao grupo tronco linguístico macro-Jê, da família linguística Jê.

Os Xokleng/Laklãnõ em sua maioria estão localizados no Município de José Boiteux, na Terra Indígena Laklãnõ (Figura 1). A população tem aproximadamente 3 mil pessoas, sendo que o território Xokleng abrange 4 municípios (além de José Boiteux, abrange também Vitor Meireles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis), 14 mil hectares legalizados, e um total de 37 mil hectares que estão em análise de processo jurídico (LAUDO ANTROPOLÓGICO HISTÓRIA DO CONTATO E DINÂMICA SOCIAL E MOBILIDADE INDÍGENA NO SUL DO BRASIL, 1988). Porém, é importante destacarmos como Xokleng que existe reivindicação dos outros territórios que estão em processo para legalização destas terras; este processo se encontra no Supremo Tribunal Federal (STF) desde de 2007.

Pertencem à Terra Indígena Laklãnõ as aldeias: Sede, Figueira, Toldo, Coqueiro, Bugio, Palmeirinha, Pavão e Plipatól, sendo esta última foco desse estudo. Na sequência deste trabalho detalharemos sobre as histórias em que o povo Xokleng tem como marco histórico de sua trajetória até os dias atuais, com foco nas histórias da formação da Aldeia Plipatól, bem como sua trajetória de luta até o presente momento.

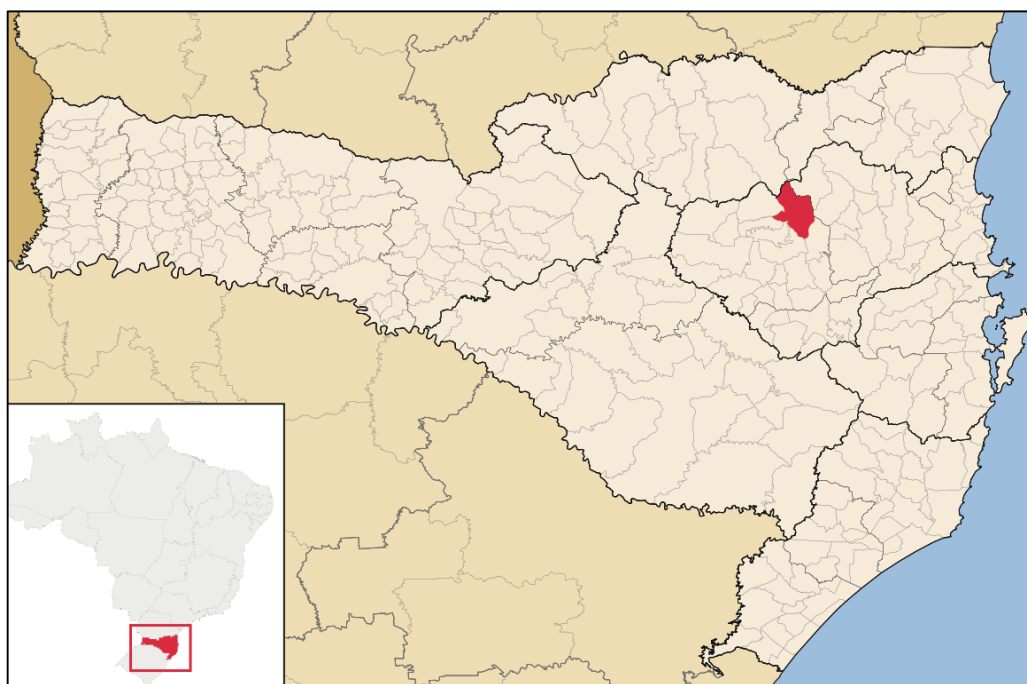


Figura 1: Mapa do estado de Santa Catarina, localizando o município onde está cerca de setenta por cento da Terra Indígena Laklãnõ. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Boiteux#/media/Ficheiro:SantaCatarina\\_Municip\\_JoseBoiteux.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Boiteux#/media/Ficheiro:SantaCatarina_Municip_JoseBoiteux.svg), acesso em 21 Jan 2020.

Esta análise acontecerá a partir da descrição de dados coletados de anciãos e famílias que fizeram parte desta história, ou seja, descreveremos a partir das conversas sobre o tema com estas famílias e anciãos. As identificações de cada ancião citado tem o consentimento deles. Este breve trabalho tem a intenção de deixar registrado parte da trajetória Xokleng, para melhor compreensão de ambas as partes, seja indígena ou não indígena.

**Objetivo geral:**

Pesquisar e registrar a história e luta da formação da Aldeia Plipatól a partir da memória dos anciãos e sábios, e de algumas famílias que fizeram parte deste processo. Entender nestes processos de formação da aldeia as lutas e os conflitos e em que isso implicou na continuidade da cultura Xokleng.

**Objetivos específicos:**

Descrever a partir da memória dos anciãos e famílias Xokleng o processo de retomada e formação da Aldeia Plipatól.

Descrever também um ponto de vista a partir da memória de um não indígena sobre o processo de desocupação da área que deu origem à Aldeia Plipatól.

Registrar, para melhor compreensão de ambas as partes, sobre o processo de formação da aldeia Plipatól.



## **METODOLOGIA**

Neste estudo estaremos nos baseando nas memórias dos anciãos da comunidade da Terra Indígena Laklãnõ, que tiveram a participação na luta e conquista do território, onde está a atual Aldeia que traz como nome Plipatól.

Foram consultados moradores pioneiros e anciãos da aldeia que tiveram as iniciativas da formação da aldeia e que atualmente ainda residem neste mesmo local. Neste trabalho também foi consultado um ancião não indígena, que mora próximo à aldeia, e que acompanhou todo movimento de luta do povo Xokleng.

Para coletar os dados tivemos que nós deslocar algumas vezes até a residência das famílias e anciãos citados abaixo. As pessoas consultadas referente ao processo de formação da Aldeia foram: Edu Priprá, Basilio Priprá (ex-cacique), Kulum Weitcha Téie, Veronica Ioko Copacã, e Muzzolini Mozer (este último não indígena). Para os dados históricos do contato com os não indígenas estão incluídos também relatos de Alfredo Patté, e João Patte e Ndu-ug Ingaclã, cujas informações foram coletadas a partir do convívio com eles.

Edu Priprá é filho de Brasília Lilí Priprá, e morava próximo ao rio e, quando ocorreu a primeira enchente, foi com a família em busca de um novo lugar para viver longe das cheias. Então, se deslocou até uma região chamada atualmente de Aldeia Bugio. Participou fundação desta Aldeia, onde foi já cacique. Em 2009 voltou para parte baixa da terra indígena, onde resolveu lutar pelas terras dos canteiros de obra da Barragem Norte, que estavam sendo ocupadas pelos não índios, no local onde se deu a iniciativa de fundação da aldeia Plipatól.

Basílio Priprá é filho de Edu Priprá e seu nome foi dado em homenagem ao seu avô Brasília, cuja história é relatada e citada neste trabalho. O ex-cacique Basílio também veio com sua família da Aldeia Bugio em 2008, onde também foi cacique, e juntamente com seu pai se engajou na luta para formar a Aldeia Plipatól. Na aldeia foi o primeiro cacique eleito pela comunidade.

Veronica Copacã foi uma das primeiras moradoras da Aldeia Plipatól e sempre pleiteou a retomada desta área juntamente com sua família. Foi a primeira vice cacique na Aldeia.

Kulum Teie fez parte da liderança; nos movimentos ela sempre representou as mulheres Xokleng e foi uma das primeiras moradoras da aldeia. Sempre pleiteou a retomada destes territórios onde foi conquistada e fundada a Aldeia Plipatól.

Muzzolini Moser não é indígena, é morador da região onde está localizada a aldeia Plipatól, vive no local anteriormente à construção da barragem. Nasceu em 1931 e acompanhou as lutas dos Xokleng pelos seus territórios.

Alfredo Patté foi líder em vários aspectos dos Xokleng e tem um grande histórico de vivência na luta dos Xokleng.

João Patté é um dos ex-líderes do início das histórias dos Xokleng, vivenciou a dramática história dos Xokleng no tempo do SPI (Serviço de Proteção ao Índio).

Ndo-ug Ingaclã (em memória) é filha de Womble Cuzug, um dos protagonistas da história do contato com Eduardo de Lima Silva Hoerhan em 1914, também neta de um grande e respeitado espiritista Kámlen, denominado pelos Xokleng de kujá (pajé). A mesma forneceu, enquanto viveu, várias informações repassadas de seus pais enquanto esteve convivendo como membro de sua família.

## **CAPITULO 1 - HISTÓRICO CULTURA DO POVO XOKLENG/ LAKLÃÕ ANTES DO CONTATO E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA**

No passado, anteriormente ao contato com os não indígenas, o povo Xokleng Laklãõ era nômade. Sofreram competição com outros grupos pelo domínio de territórios por causa de alimento, sempre prosseguiram em busca da caça e coleta para sua sobrevivência física e cultural. Segundo Santos (1997) os Xokleng não tinham contornos bem definidos em seus territórios e suas rotas de perambulação eram frequentadas de acordo com o seu potencial em suprir, através da caça e da coleta, as necessidades alimentares do grupo. Mantinham uma disputa secular com os Guarani e os Kaingang para o controle desse território. O povo Xokleng tinha nas florestas que se localizavam entre o litoral e o planalto o seu território de domínio e refúgio. Ao Norte, chegavam até a altura de Paranaguá; ao sul até as proximidades de Porto alegre; ao noroeste dominavam as florestas que até chegavam ao Rio Iguaçu e aos campos de Palmas (SANTOS, 1997).

De acordo com Gakran (2005) e segundo os anciãos que foram consultados por esse autor, a mata nativa desses planaltos era de araucária, fonte de alimento para os Xokleng/Laklãõ durante os meses de inverno. Para Gakran (2005), os anciãos lhe informaram que havia grandes disputas com os Kaingang e Guarani, os quais eram denominados pelos Laklãõ com o nome de os *Glogkózy tō Pléj*<sup>1</sup>. A guerra com os *Glókózy tō Pléj* era pelos pinhões e pela fauna do planalto e da orla marítima, ou seja, pelo seu espaço territorial.

De acordo com ancião Edu Priprá, os campos de Lages era um dos principais territórios frequentado pelos Xokleng/Laklãõ, tanto que existia um local principal como

---

1. Em Laklãõ a palavra *gógklózy tō pléj* significa o seguinte: */gógklózy* → *botoque*/, */pléj* → *agulha*/ = botoque igual agulha. Os que têm botoque fino, igual agulha (GAKRAN, 2015, p. 27).

ponto de referência: quando os Xokleng chegavam se localizavam por este local que chamaram de “*tá nugdje ve*” isso porque existe atualmente duas montanhas iguais grudadas uma na outra; esta que se compara a seios de uma mulher, ou “*iguais a seios de uma mulher*”. Neste lugar eles se comunicavam em voz alta um com os outros se localizando. Este relato repassado pelo ancião, afirma que o grupo frequentava essa área como costume para ir em busca do alimento.

Santos (1997) também afirma que a vida deles fluía em seus trabalhos cotidianos: as mulheres Xokleng teciam as mantas usando a fibra de urtiga para seu bom uso como agasalho nas noites frias de inverno, zelavam pelas crianças, faziam suas panelas de barro e cesto de taquaras para guardar alimentos, limpavam as caças, preparavam alimento como o pinhão que maceravam para fazer sua farinha, e preparavam a bebida fermentada com mel e xaxim. Também os homens Xokleng seguiam com seus afazeres: confeccionavam suas armas de caça, arcos, flechas e os diversos artefatos para seu cotidiano.

Então entendemos que os Xokleng, enquanto nômades, não tinham morada fixa: a coleta era uma das maneiras de viver, o seu modo de viajar, caminhar, ou seja, sempre caminhavam, esse costume era para ir à procura de alimento pra viver. Por exemplo, nos meses de inverno caminhavam quando buscavam o pinhão, que era uma das principais fonte de alimento, e no verão procuravam frutas mel e outros, porém a caça era independente do tempo.

## **1.1 HISTÓRICO DO CONTATO XOKLENG/LAKLÃNÕ A PARTIR DO PUNTO DE VISTA DA LITERATURA**

O histórico do contato dos Xokleng com os não indígenas está registrado na literatura a partir de estudos de antropólogos como Silvio Coelho dos Santos e do próprio Linguista Xokleng Namblá Gakran. Então, as descrições a seguir ocorrerão de acordo com o ponto de vista de cada autor sobre o tema.

Na metade do século XIX, a política oficial do governo brasileiro era a ocupação efetiva do campo de Lages em Santa Catarina e Guarapuava no Paraná, entrando em conflito direto com o povo Xokleng/Laklãnõ. A política do governo na época incentivava a guerra contra os índios: os imigrantes invasores intensificavam as investidas da colonização agrícola e essas levas de colonos, visando a ocupação da região, passaram a impedir os indígenas a desfrutar de suas terras, nem ao menos podendo se locomover em suas regiões de campos sem entrar em confronto com colonos. Aos poucos a colonização foi ocupando o território do povo indígena Xokleng.

Santos (1973) afirma que as notícias sobre as violências praticadas contra índios no Sul do Brasil motivaram diversos protestos de intelectuais brasileiros na imprensa, demonstrando naquele momento os sentimentos nacionais das populações urbanas em favor do índio. O debate não cessou, tanto na imprensa quanto nas sociedades científicas, bem como na participação do Governo (SANTOS, 1973). Neste contexto, em 1910 foi criado o SPI (Serviço de Proteção aos Índios), para conter o massacre dos povos indígenas. Logo após a criação do órgão, o primeiro contato “amistoso” realizado foi com o povo Xokleng/Laklãnõ. Para este contato amistoso acontecer, o recém-criado SPI enviou um jovem funcionário do Rio de Janeiro, Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, para

o Vale do Itajaí Norte (Ibirama), com a responsabilidade de contatar e “pacificar” os Xokleng/Laklãnõ. E em setembro de 1914 uma equipe de sertanistas do SPI, liderada por Eduardo (ou “*Jãggál, Katagãl*” nome dado a ele pelos próprios índios), conseguiu estabelecer o contato com os Laklãnõ na foz do Rio Platê, no Distrito de Harmônia (hoje Ibirama) no município de Blumenau, no Alto Vale do Itajaí (SANTOS, 1973).

De acordo com Santos (1973), quando houve o contato definitivo dos Laklãnõ com a sociedade não índia, a comunidade era de aproximadamente 400 pessoas. Passados aproximadamente uns quinze anos de contato com a sociedade não indígena, com a mudança dos costumes, hábitos e alimentação, deu-se uma epidemia e com isso mais de 1/3 da população morreu e apenas 106 pessoas sobreviveram.

Segundo Gakran (2005), um dos anciãos ao presenciar a morte dos seus parentes disse: "nóis fiz descê pra junto de ti, só pra nóis mata com doença. Antigamente nóis matava à bala, mas nóis tabém matava com nossa flecha. Agora tu nóis mata com *Kuzul* (gripe) e *ãggógó* e outra doença. Vocêis *zug* (brancos) é culpado de tudo" (GAKRAN, 2005, p. 21). Também segundo Gakran (2005), ao ouvir essas palavras, o chefe Eduardo de Lima e Silva Hoerhan decidiu manter o grupo em regime de "contato controlado", pois desta forma, segundo sua intuição, evitaria a presença de estranhos na Terra Indígena e assim também impediria a saída dos índios para fora da aldeia. Mas isso não adiantou. Segundo Santos (1997), frustrado por não poder fazer nada para evitar a mortes dos indígenas, o próprio Eduardo afirmou: "Se pudesse prever que iria vê-los morrer tão miseravelmente, teria os deixado na mata, onde ao menos morriam mais felizes e assim defender-se-iam de armas na mão contra os bugreiros que os assaltavam" (GAKRAN, 2005, p. 21).

Tendo em vista que nessa época os Xokleng pegaram epidemias e mais de 1/3 da população faleceu, ocorreu uma grande desorganização social e a miscigenação com os

não indígenas. Então os Xokleng foram deixando seus costumes de lado rapidamente e ao mesmo tempo deixando falar sua língua materna.

Apesar dessas consequências citadas anteriormente, a identidade étnica do povo Xokleng persistiu, marcando assim sua capacidade de resistência e de sobrevivência. Isso se fortaleceu até o presente momento, que na atualidade por sua vez fortalece a identidade através da revitalização de sua língua materna e através da recuperação de sua história e de artesanato dos seus antepassados, que ao longo do tempo foram deixados de lado. Então, passamos a conhecer a história dos Xokleng nos registros escritos da autoria de alguns autores, mas vale destacar que os Xokleng mantêm também seu ponto de vista em relação a este fato histórico.

## **CAPITULO 2 - HISTÓRIA DO CONTATO DO POVO XOKLENG/LAKLÃNÕ A PARTIR DE RELATO DE ANCIÃOS.**

Neste capítulo descreveremos a história do contato baseada na memória de alguns anciãos. Registraremos a história de luta resistência do povo quanto a questão territorial, também a história cultura do povo indígena.

### **2.1 HISTÓRIA DO CONTATO XOKLENG COM OS NÃO INDIGENAS**

De acordo com o que relataram os anciãos sobre o momento que decidiu a vida do grupo, ou seja, o contato, o fato ocorrido em 1914 foi uma questão de sobrevivência, pois os Xokleng estavam cercados por todos os lados. Os anciãos afirmam que não tinham opção; segundo eles os líderes estavam preocupados com a extinção do povo, pois até ali já haviam perdido muitos membros, principalmente os guerreiros que realizavam a segurança do povo. Estavam sobrando somente crianças órfãs e mulheres, poucos adultos. Então os líderes já vinham analisando e discutiam sobre a possibilidade de entrar em contato com o não índio, essa preocupação era discutida com o grupo todo.

Assim, entendemos que o povo não encontrou alternativa a não ser entrar em acordo de paz com a sociedade envolvente. Podemos entender melhor essa perspectiva a partir da fala de alguns anciãos.

A anciã Ndo-ug (em memória) (Figura 2), filha de um dos homens chamado Womble “que deu sua mão para um homem não indígena às margem do Rio Plate”, relatou claramente de como seu pai contava sobre o contato. Ela lembra que seu pai Womble contava esse fato durante as noites em volta do fogo, varava a noite contando os



momentos decisivos vivenciados com seus parentes, citando Kóvi e Pantxí, e Eduardo de Lima Silva Hoerhan, posteriormente denominado como *Jagál*.



Figura 2– Anciã Ndo-Ug Ingaclã, à esquerda na foto. Foto da autora, novembro de 2018.

De acordo com seu pai, ele e seus parceiros foram ao encontro de Eduardo de Lima Silva Hoerhan depois de um consenso coletivo. Essa decisão ocorreu a partir de uma hipótese do grupo: a hipótese era de que caso eles não se aproximassem dos brancos, eles poderiam aos poucos ser exterminados pelos não indígenas, como já vinha ocorrendo. Outro pensamento foi garantir o futuro das outras gerações que viriam, incluindo as crianças órfãs. Assim, os anciãos estavam estudando essa possibilidade de paz há muito tempo, enquanto que do outro lado os não indígenas usavam a agricultura para os atrair, os anciãos Xokleng já estavam discutindo em conjunto para aceitar esse contato, pois eles refletiram em cima dos fatos de que vinham acontecendo todo esse tempo na mata, como as mortes de seus guerreiros, as crianças órfãs, e o futuro das novas gerações.

Esse lado obscuro os motivou para que eles viessem aceitar a aproximação dos brancos, ou seja, as pessoas enviadas para fazer este trabalho de “pacificá-los”. Vale lembrar que o termo “pacificá-los” não é aceitado pelos Xokleng, por mais que resuma um encontro sem violência, os Xokleng não aceitam essa expressão pois eles afirmam que esse encontro não foi para ter paz, mas sim sobreviver, e existe um grande contexto em volta disso.

A anciã Ndo-ug (em memória) traz uma frase dita pelo seu pai, mencionada pelos anciãos mais velhos do grupo: “*óg blé vānh kalag jāg! Ku na óg blé node jāg! Jé óg, ag glā te óg, ag mo óg já ãn*”, naquele momento os Xokleng estavam quase em fase de extinção, havia números grandes de crianças órfãs, devido a muitas mortes sofridas consequência da resistência.

Edu Priprá (Figura 3) é um ancião que conviveu com o ancião chamado Kóvi, um dos líderes conhecidos também pela atitude de atender ao pedido dos mais velhos da mata naquela época, que corajosamente foi com seu parceiro Womble ao encontro de Eduardo de Lima silva Hoerhan. Edu afirma de acordo com o relato de seu avô adotivo Kóvi que as decisões tomadas pelo grupo foram em comum acordo entre eles. Isso nos faz entender que por mais que os brancos tenham tentado se aproximar, a decisão de “pacificação” partiu do grupo Xokleng.

Então entendemos também que eles não foram forçados pelos brancos, outrora eles preferiam morrer do que aceitar viver com eles. Eles só aceitaram o contato pensando nas gerações mais novas que estavam entre eles, e de fato quase todos estavam órfãos de pais. Então os Xokleng garantiram o futuro de vida do povo, mas não estavam entregando sua cultura, suas terras, ou seja, seus costumes e crenças e língua; a princípio, naquela altura da história o previsto era o benefício da situação: “viver”.

No entanto, não foi o que aconteceu. O modo de vida passou ser difícil para eles, pois as lutas pelos seus territórios fracassam a partir do momento que os não indígenas se aproximaram deles discretamente.

Obviamente a intenção era além de uma simples doação de roupas; Alfredo Patté fala que “...o Eduardo negociou as terras, madeiras nativas, ele iniciou a venda de madeiras”. Entendemos que os territórios passaram a ser negociados pelo próprio Eduardo de Lima, a invasão mais árdua, bem próximo à realidade do Xokleng e quando eles não puderam opinar muito, foi com a chegada do enviado do SPI.



Figura 3- Ancião Edu Priprá. Foto da autora.

## 2.2 PRIMEIRO CHEFE DOS XOKLENG LOGO APÓS O CONTATO

Eduardo de Lima Silva Hoerhan, o funcionário do Serviço de Proteção ao Índio SPI, se tornou o chefe do grupo Xokleng logo após “tirar o grupo da mata”, e passou a ser conhecido como chefe pela sua postura autoritária com o grupo Xokleng, segundo relatos de anciãos. Alguns anciãos relatam que desde que Eduardo de Lima passou a ser chefe deles, ele os tratou com muita autoridade, mantinha o controle sobre tudo. Ele tinha controle sobre suas idas e vindas, através de um portão na estrada que dava acesso para fora da área, e teve também um papel em comprometer as terras Xokleng.

Segundo João Patte, os Xokleng depois do contato com os brancos foram literalmente escravizados pelo chefe mencionado, depois da aproximação, ou seja, depois de ter ganhado a confiança dos Xokleng. Segundo João Patte “puseram um “chefe carrasco”. Muitos parentes sofreram nas mãos dele e os Xokleng foram intimidados e não tinham mais voz, pois quem falavam mais alto era Eduardo”.

O ancião Edu Priprá relatou com muitas angústias o tempo que Eduardo de Lima foi chefe, relatando que ele os maltratava exageradamente, com abuso de poder. Ele relata que o chefe usava até suas armas para intimidar e matar os Xokleng:

“Em uma dessas que ele ganhava arma; tinha uma mulher chamada de Mbapla, na beira do rio pescando, ele mirou sua arma bem aonde estava ela com sua filha pequena, atirou bem na cabeça dela, essa arma tinha recém chegado então ele estava testando, ele testou sua arma pra ver se era boa arma, isso ele fazia com frequência quando recebia uma arma de fogo nova, mandada pelo governo, ele atirava nos índios, ou na canoa deles de propósito, só pra testar” (Edu Priprá)

O ancião relata que os Xokleng passaram a sofrer vários maus tratos, trabalhavam sem receber, plantavam e colhiam para o chefe em troca de migalhas. Segundo este ancião o chefe Eduardo de Lima foi denunciado pelo seu pai, Brasília Lilí Priprá, por abuso de poder e outros. Seu pai, Brasília Lilí Priprá, do povo Kaingang que vivia com os Xokleng, cansado de presenciar os maus tratos sofridos pelos parentes por parte de Eduardo, em acordo com os Xokleng se encorajou, e fez uma denúncia contra Eduardo.

“certa vez meu pai saiu ele e outros índios, foram trabalhar em uma ferroviária que corta os estados São Paulo a Rio Grande, ele se informou que podia denunciar, então depois ele foi ao Rio de Janeiro conforme foi orientado, foi pra sede do SPI denunciar a realidade que ele via; (...) ele foi pra denuncia o *Jagál*, ele não queria deixar este homem judiar mais os parentes, ele foi sabendo que essa atitude dele ia ser fatal, porque o *Jagál* nunca ia deixar assim, era uma afronta que meu Pai fez, então logo que ele voltou reuniu os parentes passou a notícia, e avisou que ele ia levar o ofício pro Eduardo, esse ofício foi mandado pro Eduardo pelo SPI, aproximado de umas 9 horas ele avisou os líderes que apoiavam então disseram assim; *ló te tug Jagal te vu a tanh te, ta vu a jo zamu já*; Lili disse: *ló nu te te Jé ta to enh pénug ke ku like jagló nu te mō bó te te, vānh la tóg te*; meu pai foi entregar o ofício pessoalmente quem a recebeu foram os capangas do Eduardo que o esperavam a mando de Eduardo, então ele não quis entregar a eles daí eles avisaram sobre a morte, então ele tentou correr mas logo Eduardo foi atrás e o matou com tiro cabeça dentro de um valo próximo a casa dele. Meu pai fez isso para hoje nós e ser livre foi o que ele falou que ia pensando em nós agora no futuro(...)” (Edu Priprá)

Muzzolini Moser, ancião não indígena, relata que seu pai trabalhava com Eduardo, que era temido em toda região até pelos não indígenas: “Eduardo tinha muito poder, ele usava esse poder pra fazer com que o povo temesse ele, todos daqui temia a ele (...) Meu

pai trabalhava pra dona Francisca a mulher dele ela era do bem! Deixou uma carta para o meu pai, tenho comigo até hoje)”.

Os relatos de temor eram espalhados pelos indígenas ou não indígenas, pois o chefe usava seu poder para forçar fazer o que queria. Desta forma, Eduardo de Lima vendeu e permitiu que a terra dos Xokleng fosse invadida. Este fato perpassa há anos e suas consequências ainda são percebidas pela geração Xokleng da atualidade.

Desta forma foram longas as trajetórias de lutas, resistência da parte do grupo Xokleng, até que se estabeleceu o contato dos indígenas com os brancos em símbolo de paz em 1914. A intenção do governo era diminuir as afrontas aos indígenas, pois eles lutaram corajosamente contra a grande invasão que ocorreu desde a chegada dos colonizadores europeus.

Assim, a terra dos Xokleng Laklãnõ sofreu vários recortes desde que se instalou a colônia Blumenau, estando reduzida hoje ao território da Terra Indígena Laklãnõ, cuja demarcação oficial inicial, com cerca de 14 mil hectares, data de 1965 (HEINEBERG et al. 2018). Em 1999, um despacho da FUNAI aprovou o relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Laklãnõ em uma extensão de 37.108 hectares, respeitando o Decreto nº15 de 03/04/1926, mas ainda existem impasses em relação à demarcação desse território (FUNAI, 1999).



### CAPÍTULO 3. A ALDEIA PLIPATÓL LOCALIZAÇÃO, POLÍTICA E HISTÓRIA

Neste capítulo descreveremos sobre a formação da aldeia (Figura 4), apresentando a sua atual configuração, parte em imagens e principalmente em conversas coletadas com membros da comunidade e anciãos que participaram da conquista.



Figura 4 - Localização aproximada da aldeia Plipatól. Construção livre da autora a partir de Google Earth (acessado em novembro de 2019)

A Plipatól está localizada no município de Jose Boiteux, nas terras próximas à Barragem Norte, construída nos anos 1970. Está dentro de uma área contígua à Terra Indígena e faz divisa com o local onde passa o território dos colonos. O local foi reconhecido como aldeia no ano de 2011. O projeto de construção de obra da Barragem Norte, na década de 1970, foi com a finalidade especificamente de conter as cheias que afetavam algumas cidades específicas do baixo e médio vale do Itajaí, como Blumenau e

outras. O rio Hercílio é afluente do rio Itajaí Açu, e é o principal rio que corta o território Indígena. Depois da construção da barragem sobre o rio, ocorreram várias inundações que atingiram os indígenas Xokleng. As enchentes atingiram diretamente as Terras Xokleng, causando vários impactos ambientais e culturais para os Xokleng Laklãnõ.

O espaço onde a aldeia Plipatól se encontra foi cedido aos indígenas Xokleng pelo DNOS (antigo Departamento Nacional de Obras de Saneamento, criado em 1940 pelo presidente Getúlio Vargas, durante o regime militar, CEOPS, 2010). É ali que se localizava parte das casas dos trabalhadores e o refeitório do canteiro de obras da barragem. Vale destacar que existe um documento da FUNAI que aponta uma área de 724,56 hectares contígua à Terra Indígena Ibirama Laklãnõ a ser destinada ao usufruto dos indígenas (FUNAI, 2013, Anexo 1).

O repasse deste espaço foi como uma das formas de compensar o prejuízo causado pela construção da barragem, segundo anciãos.

Desde os anos de 1990 os Xokleng vem fazendo greves para reivindicar seus direitos garantidos na Constituição. Nos apropriamos do termo “greve” para nos manifestarmos em defesa de nossas terras e outros direitos. É com as greves que encontramos uma forma de fazer os movimentos para chamar atenção dos órgãos governamentais. O povo resistiu a todos esses anos à pressão de todos os lados, na ausência dos antigos guerreiros líderes que não existem mais, a geração atual Xokleng Laklãnõ segue e permanece na Terra Indígena marchando pelos seus direitos.



### **3.1 ESTRUTURA POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO DA ALDEIA**

Atualmente moram aproximadamente 128 famílias cadastradas na aldeia. O líder atual é Aguinaldo Vomble Farias, como cacique local eleito pela comunidade para liderar a aldeia em 2017.

A aldeia possui casas de alvenaria e casas de madeira, dos dois lados da estrada (Figura 5). Há uma estrutura especificamente para encontro da comunidade, nomeada Casa da Cultura e chamada por nome de “Centro Cultural Kopaká” (Figura 6), em homenagem ao companheiro de Verônica Ioko Copacã que lutou pela formação da aldeia. Este espaço é reservado para trabalhar a cultura do povo, exposição de artesanatos e oficina de artesanato, rituais, danças e é usado para reuniões de lideranças.

Na aldeia atualmente está localizada a Escola Básica Laklãnõ (Figura 7), mantida pelo governo estadual, na qual todos professores são indígenas. Há atendimento de saúde no posto de saúde da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) no qual os técnicos são indígenas. Atualmente existe algumas famílias que trabalham com costura industrial, como fonte de rendimento, outros trabalham na agricultura, e algumas famílias trabalham com venda de artesanato. Nesta aldeia esta entrada principal que dá acesso a Terra Indígena (Figura 8), e está localizada a Barragem Norte, construída em 1976 para contenção de cheias (Figura 9).



Figura 5 – Estrada geral que passa na aldeia. Foto da autora, 20 de outubro 2019



Figura 6– Centro Cultural Kopaká que está no centro da aldeia. Foto da autora, 12 de agosto 2019



Figura 7- Escola Laklãõ e Igreja. Foto da autora, 6 janeiro 2020.



Figura 8– Limite da Terra Indígena, principal entrada que dá acesso a todas as aldeias e outros locais. Foto da autora, 6 de janeiro de 2020.



Figura 9- Barragem Norte. Foto da autora, 7 de janeiro 2020.

### **3.2 DENOMINAÇÃO DA ALDEIA**

A aldeia ficou por muito tempo sem ser nomeada, pois essa era uma questão coletiva da comunidade. Em 2011, o cacique do local reuniu toda comunidade para discutir e dar um nome definitivo para a aldeia, pois o local já tinha uma estrutura independente de outras aldeias. Existia então uma grande necessidade de ter um nome fixo registrado, pois até o momento o local era chamado de aldeia Barragem, e alguns membros da comunidade se sentiam desconfortáveis com esse nome popular que estava vindo para a aldeia que eles recém tinham conquistado. Havia um grande questionamento do nome pela maioria porque, segundo eles, o nome dá a entender que eles estariam homenageando a barragem, e a barragem é vista pelos Xokleng como um malefício.

Na reunião com a comunidade foram apresentadas algumas sugestões pelos membros e seus devidos significados, como: Aldeia Barragem, Aldeia Plipatól, Aldeia Kózy. Plipatól foi o nome mais votado pela maioria, sensibilizada pelo significado do

nome, pois *plipatól* é na língua portuguesa samambaia, que para os Xokleng significa uma espécie de samambaia. A comunidade se identificou pelo ciclo que essa planta tem, por ser uma planta resistente, que hora desaparece e outrora ela retorna ativa novamente. A comunidade se considera resistente como a samambaia, hora recuavam e outrora retornavam novamente ao local, fortes para lutar e por fim conquistar a área da Aldeia Plipatól.

### **3.3 RELATO DAS FAMILIAS A CAMINHO DA FORMAÇÃO DA ALDEIA**

Relatarei a formação da aldeia a partir das entrevistas de pessoas da comunidade, como anciãos e outros membros que fizeram parte da história para formar a aldeia Plipatól. Também descrevi minha vivência enquanto Xokleng na vinda junto com as famílias a caminho da formação da aldeia, e relatarei as vivências com meu pai (avô) nesta região durante as greves feitas pelos Xokleng. Os relatos serão escritos exatamente conforme a fala dos anciãos e famílias.

O processo para formação desta aldeia ocorreu lentamente: a tentativa de reocupação deste local durou muitos anos, e várias greves vinham acontecendo com frequência, nas quais toda a população vinha e permanecia no local. A ocupação era temporária e às vezes durava de um a dois anos; a reivindicação era devido aos vários danos causados pela construção da Barragem e era pelos direitos à terra, ocupada no local pelos brancos. Os Laklãnõ permaneciam ocupando a área enquanto o órgão governamental não entrava com pedido reintegração de posse.

Em uma dessas idas e vindas a este local pude acompanhar, enquanto Xokleng, a resistência da comunidade, de lutar para ocupação deste território, onde é hoje atualmente aldeia Plipatól. Me recordo que quando era pequena vinha com o meu avô, considerado pai para mim, e minha mãe biológica (em memória). Neste local nós tínhamos nossa barraca e ficávamos meses ali, até o governo pedir a nossa retirada. Meu avô sempre insistiu em retornar, pois ele nunca se conformou em ter que sair da sua terra natal, onde viveu com seus pais antigamente.

Ao longo dos anos me mudei da aldeia Bugio, em outubro de 2010, com meu marido e as duas filhas e meus três irmãos, a convite da mãe do meu esposo. Minha sogra sempre lutou por essa conquista; ela, na certeza da ocupação, havia ajeitado um barraco para nós morarmos. Dessa vez a minha sogra estava morando em definitivo neste local que nós chamávamos de “Barragem”, porque ainda não era uma aldeia. Eles estavam convictos de que não recuariam mais, então meu sogro e minha sogra nos convidaram a vir morar com eles para garantir esse espaço, e fazer uma aldeia. Então viemos e moramos nove meses no barraco, perto de uma casa dos brancos que estava vazia, e da moradia de minha sogra e de outras sete famílias que também estavam convictas a ocupar e lutar para formar a aldeia.

Os comentários de que os brancos iriam nos tirar daquele espaço eram frequentes, isso nos intimidava e a relação com os vizinhos brancos obviamente não era boa. Eu e meu marido refletimos muito sobre tudo que vinha acontecendo com nosso povo quando tentavam morar nesse lugar, e sempre eram manipulados. Refletimos e nos encorajamos e resolvemos construir a primeira casa naquele local, na estrada geral (Figura 10).

Contratamos um serviço de terraplanagem e mandamos fazer uma estrada para o lado de cima do morro, fizemos para o lado de cima da estrada porque, consultando algumas pessoas da liderança, nos aconselharam a fazer para o lado de cima porque paro



lado de baixo estava proibido pois era área do governo. Me lembro bem que um deles disse que a área do lado da estrada que é a parte de baixo da estrada geral não era para ser ocupada, pois ia ser área de segurança da barragem. Nos disseram que já que estão ocupando, era só para ocupar a parte para o lado de cima do morro; hoje entendo que eles estavam intimidados; e já que iríamos ser os primeiros a construir moradia fixa, até nos aconselharam a construir nossa casa de madeira, pois caso nós fossemos expulsos do local poderíamos levar a casa para outro lugar.



Figura 10- Primeira casa construída na aldeia Plipatól. Foto da Autora, 6 janeiro de 2020

### **Entrevista com Verônica Ioko Copacã**

Esta mulher Xokleng é umas das grandes mulheres guerreiras nos movimentos de luta pelos direitos territoriais (Figura 11), é uma das pioneiras de outros espaços como a aldeia Palmeirinha, fez parte das muitas vindas na greve na localidade da Plipatól. Atualmente é viúva, mas seu falecido companheiro Kopaká sempre lutou junto com ela. Ela relatou que também não se conforma da perda de seus espaços ocupados pelos seus ancestrais. Em uma das minhas visitas a ela durante minha pesquisa ela se emocionou ao

falar de suas preocupações com o futuro da aldeia. Pois, segundo ela, a aldeia está sendo invadida aos poucos novamente, e os próprios indígenas estão permitindo outros estranhos não indígenas a morar na aldeia. Ela tem percebido que as lideranças não estão tomando uma postura referente a essa situação, como por exemplo dar a permissão de morada dos brancos na aldeia.

“Estou aqui mais de 15 anos eu vim para morar aqui, porque esse lugar é nosso! O Jagál tirou de nós e vendeu, e agora o governo diz que é dele (...) fico preocupada com o que está acontecendo dentro da nossa aldeia, viu... (...) Eu andei com meu pai falecido aqui batendo de frente com os brancos... eu vim definitivo em 2000 e fiquei na minha barraca todos esses anos; fui no prefeito avisei que eu não ia sair deste lugar... fiquei anos na barraca com meus filhos, o colono me provoca. Mas eu sempre andei de cabeça erguida. Fui nas casas onde a terra era nossa eu pedia para as famílias se mudar que logo nos iria ocupar tudo o lugar ... Até nossos líderes não estava mais vindo pra cá, fazia tempo que não tinha mais greve em cima da barragem.... então eu convidei uma família que sempre estavam com nós na greve e chamei eles vieram e nós decidimos junto de fazer aldeia na barragem, eu estava anos... eu só precisava de mais pessoas que ajudasse enfrentar os brancos, fizemos documento pro cacique presidente em 2009... foi difícil até o cacique estava com medo de fazer aldeia aqui... mas nós insistimos, e conseguimos fazer a cabeça dele, ai conseguimos e estamos aqui hoje foi uma luta de nós todos então não podemos deixar os brancos tomar de novo, precisamos lutar ainda mais, é o para nossos filhos morar aqui...” (Verônica Ióko)





Figura 11 – Veronica Yoko Copaca (à direita na foto). Foto da autora.

Essa mulher indígena afirma que lutou por anos com seu marido (em memória) para ocupar o local, a presença da família enquanto estava no barraco causou incômodo aos moradores que não os aceitavam, chegou a sentir medo por sua família, temeu que os colonos fizessem mal a eles e aos outros parentes que ocupavam o lugar. Depois que seu marido faleceu ela arrumou novas estratégias para conseguir sua permanência no local. Vieram as famílias do Bugio e juntos reuniram forças para uma nova etapa de vida no local.

## **Entrevista com Edu Priprá**

Os filhos de Edu Priprá vieram com suas famílias, pouco a pouco, conforme seu pai os chamava, mas ele veio com sua mulher convicto de sua morada, trazia na mudança a certeza de ficar na Barragem na época chamada por eles.

“Eu vim com a Nena em 2008, do Bugio, com todas as minhas roupas e coberta pra morar aqui, não tinha onde nós ficar, daí fiquei parando na casinha onde era a ex-guarita, essa casinha era do tempo da construção da barragem, e tava abandonada desde que eles foram embora, eu cobri com lona a casinha que estava estragada, não tinha teto parte da parede não tinha, daí coloquei uma lona e ficamos ali (...) eu lembro que nós dormia com os pés pra fora da casinha, nosso fogo era pro lado de fora, mas nós ficamos quase meio ano, na guaritinha. Depois a Yóko e a Nena foram ver a casa que nós mora, estava abandonada, limpamos e se mudamos lá, nisso vieram atrás de mim meus filhos, e moramos em 4 famílias na casa, e meu filho e mais uns parentes se juntamos pra arrumar estratégia nova porque já estava em número grande de famílias, que estavam morando ali. Esperamos mais um pouco e resolvemos falar com o cacique geral, de início ele ficou um pouco com medo de enfrentar pela situação toda de conflito que vinha acontecendo, das reintegração de posse sofrida no passado pelo governo, daí demorou pra ele autorizar, fizemos um documento conforme nós combinamos, pedindo pra FUNAI considerar nosso pedido de fazer a aldeia, aí o cacique Geral assinou pra nós, e levamos pra FUNAI defender nós. Depois de aceito nós ocupamos o postinho de saúde da prefeitura, as enfermeiras foram transferida e colocamos uma técnica daqui, ela, foi contratada pela SESAI especificamente pra ficar na nossa aldeia. Em 2011, depois que formou aldeia, saiu a eleição de cacique, aí pra cá estamos aqui, então não fácil chegar aqui, e esperamos que o pessoal que estão por aqui não deixe os branco morar sem pedir autorização do cacique como está acontecendo, temos que dar valor a luta do outro índio” (Edu Priprá)

## **Entrevista com Kulum Weitcha Téie**

Atualmente é moradora na Plipatól e é uma das moradoras que sempre esteve no local no seu acampamento na atual aldeia. Conhecida como Suzana na região, sempre esteve na liderança desde a sua juventude, já foi cacique, e hoje representa as mulheres indígenas Xokleng nos movimentos em prol do território.

“Eu ando por aqui desde o ano em que resolvemos buscar nossos direitos, acompanhei meu pai Wechazinho, ele era uma das liderança, então vinha pra cá nas greves, nós começamos a buscar tudo que nos pertencia desde aqueles anos nós parava no canteiro, ficava meses ali, até as polícia tira nós dali, ai nós ia embora porque eles usavam arma, miravam em nós, em uma das nossas vinda no canteiro, lembro de uma vez que pediram pra nós sair do canteiro à força, porque os colonos denunciavam nós mentia de nós; que nós índios estava roubando as coisas do canteiro, mas era só pra nós sair daqui e ir embora, foi muitas vezes que nós ia embora daqui, às vezes o governo mandava nós sair também, e assim foi indo nós sempre voltamos porque o canteiro era uma das nossa terras dado em documento pra nós. Aí não abrimos mão os brancos estava morando tudo por aqui, mas nós sabia que era nosso (...) e estamos hoje ocupando o que é nosso, não é invadido” (Kulum Weitcha Téie)

## **Entrevista com o ex-cacique Basílio Líli Priprá**

Basílio Líli Priprá (Figura 12) foi eleito o primeiro Cacique da Aldeia Plipatól no ano de 2011, veio da aldeia Bugio com sua família no ano 2008, e juntamente com seu pai Edu deram a iniciativa de formar a nova aldeia neste local. O Basílio já tinha sido líder na outra aldeia, isso facilitou que ele lutasse sem medo, juntos com seu pai e outros parentes, buscaram nova estratégia e foram em busca de apoio. Ele afirma que tiveram muita dificuldade durante a caminhada, a reação do pessoal, a FUNAI, a princípio foi neutro, mais tarde receberam apoio deles. Ele recorda a o processo como vitória do povo.

“Nós já estávamos estruturado no local, morava num sobrado bem pequeno mais estávamos bem alí, minha família já estava trabalhando na costura, o pai já estava fazendo uma igreja pra ele, nós já tinha atendimento da saúde ali no local.” Nós viemos para ficar! formar aldeia.” então nós pressionamos os órgãos pra aceitar nosso pedido, lutamos até conseguir” (Basílio Líli Priprá)



Figura 12– Ex-Cacique Basilio Lili Priprá. Foto da Autora, janeiro de 2020.

### **Relato de um não indígena sobre a formação da aldeia Plipatól**

Muzzolini Moser, conhecido popularmente como seu Lolo, é um ancião não indígena que mora na região desde a infância (Figura 13); trabalhou por muitos anos como vigilante em cima da ponte da barragem. Segundo ele, sua família sempre esteve próxima aos Xokleng; ele convivia diretamente com eles, pois jogavam futebol, pescavam juntos, e presenciou toda luta dos Xokleng para reivindicar seus direitos. O ancião sempre soube

que o canteiro de obras foi passado aos Xokleng e sempre esteve acompanhando a greve deles na retomada dessa terra.

“Eu ia lá na greve dar apoio aos meus velhos amigos que não estão mais entre nós hoje; não chegaram ver agora vocês morando no lugar onde eles ficavam, esperando uma resposta do governo, eu fico indignado com o governo que não resolve essa situação de uma vez” (Muzzolini Moser)



Figura 13 –Muzzolini Moser. Foto: da autora, 29 setembro 2019.

## **CAPÍTULO 4. VIDA DOS XOKLENG NO PRESENTE APÓS A RETOMADA DA ALDEIA**

A aldeia Plipatól está em fase de construção. A comunidade reconhece que há muito o que fazer pela aldeia, eles relatam que aguardam alguma resposta da parte dos órgãos governamentais sobre uma documentação definitiva que garanta segurança jurídica.

Ao conversar com algumas famílias percebemos uma grande preocupação com o futuro da aldeia, eles alegam que dentre a comunidade Xokleng, estão vindo pessoas não indígenas morar no local, que segundo eles pode futuramente comprometer a terra retomada pelos Xokleng

A atual aldeia denominada Plipatól está nos limites territoriais da Terra Indígena, a estrada geral passa na aldeia, onde se tem acesso a outros municípios e bairros próximos dos não indígenas, e isso permite o tráfego livre dos não indígenas, também a convivência com moradores não indígenas próximos as casas dos Xokleng.

“fico preocupada com o que está acontecendo dentro da nossa aldeia, viu...eu lutei dei meu corpo pra ser atirado por causa deste lugar, eu estou vendo que os brancos não respeitam nossa aldeia ele, estão achando que só porque estamos pro lado da saída da terra indígena pode qualquer pessoa estranha morar aqui, precisamos fazer alguma coisa nós índio puro, estamos acabando e cada vez mais os brancos pode nos dominar; o que vai ser desse lugar daqui mais 20 anos quando nó não estiver mais aqui por isso acho que é bom nos pensar como vamo fazer desde já com esse problema, não dá pra deixar assim”(Veronica Weitcha Teie)

Assim, os Xokleng, analisam a situação segundo eles com muita cautela, para pensar em novas estratégias frente a isso.

#### **4.1. Formas e estratégias de resistência Xokleng frente a cultura não indígena**

Após retomada houve muita evasão de alunos indígenas para outra escola da cidade do município. O fato de deixar de estudar na escola indígena gera consequências, como exemplo, a perda da língua Xokleng e outros hábitos. Em 2016, a escola Laklãnõ que funcionava na aldeia Palmeirinha, foi desativada por motivos de danos na estrutura física do prédio. Então a comunidade reivindicou o prédio da escola chamada João Bonelli, que se localiza onde hoje é a aldeia Plipatól, e na época era ocupada pela comunidade não indígena da Barra Dolmann. Foram várias reuniões para encontrar uma saída para os alunos Xokleng que estavam há meses sem aula em vista da situação do prédio da Laklãnõ na Palmeirinha. A comunidade optou por ocupar o que lhe pertencia, que era o prédio da antiga João Bonelli. Com apoio da FUNIA e lideranças conseguiram ocupar o prédio, e atualmente a escola Laklãnõ funciona no prédio que está dentro da Plipatól e isto tem diminuído a evasão dos alunos Xokleng.

Porém, o prédio da escola Laklãnõ que foi interditado pela Defesa Civil em 2016 até hoje aguarda a reforma para ser ocupado novamente pelos alunos, pois existe um número grande de alunos para ser atendido pelas escolas indígenas. O prédio que funciona atualmente como escola Laklãnõ não tem estrutura para comportar a quantidade de alunos. A comunidade e as lideranças já fizeram vários pedidos ao governo do estado de Santa Catarina para a reforma da Escola desativada na Aldeia Palmerinha, que é como um direito do povo. Vale lembrar aqui que não só porque o prédio da antiga João Bonelli foi ocupado pela escola Laklãnõ que a situação foi resolvida, os alunos precisam de um espaço grande, de acordo com a demanda, e que é dever dos órgãos governamentais

resolver. As escolas indígenas são uma importante estratégia para garantir na grade curricular o ensino da língua e cultura. Essas reivindicações iniciaram há muitos anos atrás pelos líderes e professores, e são uma das formas de manter a cultura indígena frente à cultura não indígena.

A comunidade Xokleng na aldeia Plipatól, com a ajuda do COMIN (Conselho de Missão entre Povos Indígenas), conseguiu uma estrutura específica, local para encontro, a casa de fazer artesanato (Figura 6). Existe um grupo que faz artesanato fluentemente e essa casa possibilita esse encontro, isso faz uma grande diferença positiva para o lado cultural dos Xokleng.

O cacique montou uma equipe para ajudar a liderar a aldeia, como por exemplo para cuidarem das partes de normas da aldeia, como o controle da entrada das pessoas não indígenas para pescar no lugar. Existe um projeto voluntário da parte da liderança de oferecer língua Xokleng na Casa da Cultura para quem já não fala mais a língua Xokleng e mora na comunidade.

Os Xokleng mantêm seu nome tradicional, cada criança indígena que nasce recebe o nome próprio na língua Xokleng essa forma de manter os nomes tradicionais é reconhecido pelo cartório de registro civil.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente registro da formação da Plipatól é de muita importância, pois percebemos que são muitas histórias de lutas deste povo acabam ficando só na memória dos anciãos, e desta forma cada vez que perdemos um ancião perdemos uma grande parte da história. São inúmeras histórias que acabam quando um ancião se vai; sendo assim uma das propostas deste registro é facilitar o acesso das gerações futuras às informações aqui reunidas.

Neste trabalho tentamos trazer em breves descrições partes das grandes e longas histórias de luta do povo Xokleng. Reconhecemos que nossa descrição foi pequena para uma grande e longa trajetória dos guerreiros Xokleng até a formação da aldeia Plipatól, mas temos por certo que ela é de grande valia. Esperamos que esta pesquisa sirva como influência nas lutas de outros povos por seus territórios, e que no contexto educacional estas informações também passem a contribuir com os materiais de nossas escolas indígenas na terra indígena Laklãnõ no que tange o conhecimento sobre a formação de aldeias.

## REFERÊNCIAS

CEOPS. **Centro de operação de sistema alerta**. 2010. Disponível em

<<http://ceops.furb.br/index.php/institucional/historico>> Acesso em 20 fevereiro 2020

FREIRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

FUNAI. Despacho nº 70, de 5 de novembro de 1999. Diário Oficial da União 2016, 11 de novembro de 1999. Disponível em <<https://documentacao.socioambiental.org/documentos/XGD00012.pdf>> Acesso em 21 janeiro 2020.

FUNAI. Ofício nº 594/DPT e memorando 874/CGAF/2013. Assunto: cessão de uso gratuito da área da Bacia de Acumulação da Barragem Norte de Ibirama, destinada ao usufruto das Comunidades Indígenas Guarani, Kaingang e Xokleng, conforme Convênio nº 29, de 17.07.1981 processo nº 08620.001515/1994-41. 2013.

GAKRAN, Namblá. **Aspecto Morfossintático da Língua Laklãnõ (Xokleng) Jê**. Campinas: IEL – Unicamp, Dissertação de Mestrado, 2005.

GAKRAN, Namblá. **Elementos fundamentais da gramática Laklãnõ**. Brasília: UnB, Tese de Doutorado, 2015.

HEINEBERG, Marian et al. **Conhecimento e uso das plantas e paisagens na Terra Indígena Laklãnõ**, Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2018.

LAUDO ANTROPOLÓGICO HISTÓRIA DO CONTATO E DINÂMICA SOCIAL E MOBILIDADE INDÍGENA NO SUL DO BRASIL. 1998. Disponível em <<https://documentacao.socioambiental.org/documentos/XGD00012.pdf>> Acesso em 21 janeiro 2020.

SANTOS, Sílvia Coelho dos. **Índios e Brancos no sul do Brasil**: a dramática  
experiência dos Xokleng. Florianópolis: Ed. Edeme, 1973.

SANTOS, Sílvia Coelho. **Os Índios Xokleng: memória visual**. Florianópolis: Ed.  
UNIVALI, 1997.

Anexo 1



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
Diretoria de Proteção Territorial  
Coordenadoria Geral de Assuntos Fundiários  
SEPS Quadra 702 Sul, Bloco A - Edifício Lex - 3º Andar  
Brasília/DF - 70390-025  
Tel.: (61) 3313-3554 / dpt@funai.gov.br



Memo nº 874/CGAF/2013

Brasília, 18 de junho de 2013

Ao Senhor Coordenador-Geral de Assuntos Fundiários

Assunto: **Encaminha minutas de ofícios da DPT para assinatura.**

Encaminhamos a V. S<sup>a</sup>, com vistas ao Senhor Diretor de Proteção Territorial, propondo assinatura, minuta de Ofício da DPT endereçada à Superintendência do Patrimônio da União SPU, em Santa Catarina, solicitando a cessão gratuita da área da Bacia de Acumulação da Barragem Norte de Ibirama para usufruto das Comunidades Indígenas Guarani, Kaingang e Xokleng, localizada no Município de Ibirama/SC.


Atenciosamente,

  
FRANCISCO MARTINS BATISTA  
Coordenador de Registros Fundiários

De acordo.

Ao Diretor de Proteção Territorial, solicitando assinatura da minuta de Ofício/DPT em anexo.

Em, 18 de junho de 2013.

  
JOSÉ APARÉCIDO D. BRINER  
Coordenador-Geral de Assuntos Fundiários



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
Diretoria de Proteção Territorial  
SEPS Quadra 702 Sul, Bloco A - Edifício Lex - 3º Andar  
Brasília/DF - 70390-025  
Tel.: (61) 3313-3554



Ofício nº 594/DPT

Brasília, 13 de junho de 2013.

A Sua Senhoria a Senhora  
ISOLDE SPÍNDOLA  
Superintendente do Patrimônio da União em Florianópolis/SC  
Praça 15 de Novembro, 336 - Centro.  
88610-400 - Florianópolis - SC.

Assunto: Cessão de uso gratuito da área da Bacia de Acumulação da Barragem Norte de Ibirama, destinada ao usufruto das Comunidades Indígenas Guarani, Kaingang e Xokleng, conforme Convênio nº 29, de 17.07.1981.  
Processo nº 08620.001515/1994-41

Senhora Superintendente,

Referimos-nos a sociedade indígena da Terra Indígena Ibirama que tiveram suas terras de posse tradicional afetadas pela "Bacia de Acumulação da Barragem Norte", situada na localidade de Barra Doullmann, no Município de Ibirama/SC, objeto do Decreto nº 76.392, de 6 de outubro de 1975. Devido a esta circunstância, foi celebrado o Convênio nº 29, de 17 de julho de 1981 (cópia anexa), envolvendo o então Departamento Nacional de Obras de Saneamento - DNOS e a Fundação Nacional do Índio - FUNAI, assegurando na Cláusula Terceira, item 1, do referido convênio, o direito dos índios usufruírem de uma área com aproximadamente 724,56 ha das terras contíguas a mencionada terra indígena.

2. Em agosto de 2009, a 1ª Divisão de Levantamento General Augusto Tasso Fragoso, do Comando do Exército Brasileiro - DCT - DSG realizou o georreferenciamento dos imóveis que compreendem a área a ser destinada aos índios. Constatou-se que a soma destes imóveis apresenta a superfície de 920,7416 ha, (novecentos e vinte hectares, setenta e quatro ares e dezesseis centiares), conforme relatório, mapa e memorial descritivo em anexos, contendo o posicionamento dos lotes, os nomes dos antigos proprietários e o número das matrículas dos imóveis levantados.

3. Em consulta formulada ao Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Ibirama, aquela serventia apresentou Certidão de 13 de maio deste ano (cópia anexa), informando quais são as matrículas dos imóveis de propriedade da União Federal. Ressaltamos que nem todas as matrículas constantes na certidão do cartório, fazem parte da área a ser destinada para o usufruto indígena. Excluem-se os lotes constantes no mapa anexo, levantados pelo Exército: **Lote 02**, com superfície de 15.549,00 m<sup>2</sup>, Matrícula nº 8.421.82, do Governo do

Cont. Ofício nº 594/DPT/2013.

Estado de Santa Catarina; **Lote 10**, com superfície de 13.600,00 m<sup>2</sup>, Matrículas nºs 675 e 8.057, de Mitra Diocesana de Rio do Sul; **Lote 15**, com superfície de 1.000,00 m<sup>2</sup>, Matrícula não identificada, da Prefeitura Municipal de Ibirama; **Lote 82**, com superfície de 210,00 m<sup>2</sup>, Matrícula nº 2.634, de Irmãos Fossa Ltda; **Lote 110**, com superfície de 13.950,00 m<sup>2</sup>, sem matrícula identificada, de Domingos Goulart e **Lote J A/2**, com superfície de 92.670,00 m<sup>2</sup>, matrícula não identificada, do Departamento Nacional de Obras de Saneamento.

4. De acordo com a Ata de Reunião do dia 24 de maio de 2012, da Comunidade Indígena Aldeia Barragem (cópia anexa), os índios reivindicam toda a área encontrada no levantamento topográfico pelo Exército e não apenas a superfície de 724,00 ha, constante no Convênio 29.

5. Assim sendo, solicitamos a gentileza de V. S<sup>a</sup> verificar a possibilidade de efetuar a cessão de uso gratuito da mencionada área, para usufruto indígena. Para tanto informamos o número da Unidade Gestora 194047 - Coordenação Regional Litoral Sul, cadastro do Registro Imobiliário Patrimonial - RIP.

6. Para eventuais esclarecimentos sobre o assunto em comento indicamos o servidor Ricardo Campos Leining, pelos telefones 48 - 3240-8646 e 3244-0469, da Coordenador Regional da FUNAI em Florianópolis.

7. Encarecemos a gentileza de nos encaminhar o Termo de Cessão de Uso Gratuito da área em comento, para as devidas providências.

Atenciosamente,

  
ALUISIO LADEIRA AZANHA  
Diretor de Proteção Territorial